

BORBOLETEANDO NA BIBLIOTECA

■ AFRÂNIO MENDES CATANI

<https://orcid.org/0000-0003-0656-3931>

Universidade de São Paulo, Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Desde pequeno sempre os livros me cercaram. Meu pai era professor, tinha biblioteca em casa e me conduziu às leituras - jornais, revistas, gibis e livros. Concordo com o poeta português Manuel Alegre: “não há flecha que não tenha o arco da infância”. Ao longo de mais de cinquenta anos fui amalhando livros, montando minha biblioteca. Com o fim de dois casamentos, aposentadoria, doações, novo emprego e moradias provisórias, incluindo acesso precário aos livros atualmente, constato que a biblioteca formada com certo sacrifício se encontra com o seu futuro ameaçado. Borges em “Junio 1968”, escreveu que “ordenar bibliotecas é exercer, de uma forma silenciosa e modesta, a arte da crítica”. Foi isso que procurei fazer à minha maneira desde que obtive meios para tal, embora nunca tenha catalogado meus livros e, classificando-os, o fiz precariamente. Todavia, num aparente e empoeirado caos, quase nunca me perdi entre os impressos. Manter uma biblioteca díspar sempre foi compatível com meu humor borboleta, pulando de um livro ou de um tema a outro, como falaram Montaigne, Fourier e Bourdieu; assim me constitui e assim trabalho até hoje. Falar da formação e do conteúdo desta biblioteca, bem como de sua utilização, é o objetivo do capítulo.

Palavras-chave: Biblioteca díspar. Borges. Classificar. Ordenar. Utilizar.

ABSTRACT

AS BUTTERFLY INSIDE A LIBRARY

Ever since I was a child, books surrounded me. My father was a teacher and had a library at home that guided me to read – it contained newspapers, magazines, comics and books. As the Portuguese poet, Manuel Alegre argued, "there is no arrow that has not bent with the bow of childhood." For more than fifty years, I have been hoarding books and building up a library of my own over the course of two marriages, retirement, donations, a new job and temporary housing. In addition to the fact that access to books is precarious, the library I have assembled has an under-threat future. In "June 1968", Borges

remarked that "to order libraries is to exercise, silently and modestly, the art of criticism", this is what I have tried to do since I had the means. Although I never catalogued my books, while classifying did it precariously. Despite apparent and dusty chaos, I rarely get lost among the printed texts. Maintaining an uneven library has always been compatible with my personality, which is like the flight of a butterfly. Jumping from book to book and from one subject to another. As Montaigne, Fourier, and Bourdieu suggested, that's how I have been, and how I work up to this day. This chapter aims to explain the development and collection of this library, as well as its utilization.

Keywords: Uneven library. Borges. To classify. To order. Utilization.

RESUMEN

COMO LA MARIPOSA EN UNA BIBLIOTECA

Desde pequeño siempre me rodearon libros. Mi papá era profesor y tenía una biblioteca en casa que me guio hacia la lectura – periódicos, revistas, historietas y libros. Conuerdo con el poeta portugués Manuel Alegre: “no hay flecha que no tenga el arco de la infancia”. A lo largo de más de cincuenta años fui conservando libros y configurando una biblioteca propia con todo y dos matrimonios finalizados, la jubilación, las donaciones, un nuevo empleo y viviendas provisionales. Además de que el acceso a los libros es precario, hoy en día observo que el futuro de la biblioteca que construí está bajo amenaza. Borges escribió en “Junio,1968” que “ordenar las bibliotecas es ejercer, de una forma silenciosa y modesta, el arte de la crítica”; fue lo que intenté hacer desde que tuve medios para hacerlo, aunque nunca catalogué mis libros, clasificándolos lo hice eventualmente. Aun así, ante un aparente y polvoriento caos, casi nunca me pierdo entre los textos impresos. Mantener una biblioteca dispar siempre ha sido compatible con mi carácter que es como el vuelo de una mariposa, saltando de libro en libro y de un tema a otro. Como dijeron Montaigne, Fourier y Bourdieu; así me he constituido y así trabajo hasta hoy. El objetivo de este capítulo es hablar de la formación y el contenido de esta biblioteca, así como de su uso.

Palabras clave: Biblioteca dispar. Borges. Clasificar. Ordenar. Utilizar.

J'ai commencé ma vie comme je la finirai sans doute: au milieu des livres
Jean-Paul Sartre (2011)

Não seria maravilhoso o mundo se as bibliotecas fossem mais importantes que os bancos?
Mafalda, Quino (2010)

Introdução

Desde minhas primeiras recordações, os livros sempre me cercaram. Minha família mudou-se para o interior do Estado de São Paulo e, na época, nossas casas eram grandes, espaçosas. Nos dois endereços onde morei, até os dezessete anos, havia escritório com mesa de estudos e uma razoável biblioteca – que, diga-se de passagem, possuía conteúdo totalmente eclético. Esse espaço, escritório-biblioteca-sala de estudos, em que fazia as tarefas, lia os jornais (de Piracicaba e o da capital) e, com o passar do tempo, ouvia música, o rádio e assistia à televisão, era meio que um verdadeiro bazar, e eu ficava a maior parte do tempo ali quando me encontrava em casa.

Havia duas grandes estantes com portas de vidro transparente e outras duas abertas, tendo as quatro várias prateleiras. Depois, foram compradas mais três estantes com portas de vidro fosco, com cinco ou seis prateleiras, que hospedavam os livros aos quais praticamente não mais utilizávamos – textos escolares de anos anteriores, livros que não interessavam mais ou que não havíamos apreciado, almanaques, revistas antigas (*O Cruzeiro*, *Manchete*, *Seleções Reader's Digest*) etc. Os gibis ficavam em meu quarto, no andar superior, e eram trocados ou vendidos aos domingos, nas matinês. Minha irmã tinha em seu quarto uma pequena estante, em que ficavam os romances que lia com avidez, assim como montanhas de fotonovelas e romances das Edições de Ouro, livros de bolso, policiais, destacando-se as séries

do detetive Shell Scott (escrita por Richard S. Prather) e do policial Ellery Queen, que desvendava com maestria os crimes que investigava. Logicamente eu só os podia ler depois de Marília. Mas eu deixava também nas novas estantes montanhas dos Bolsilivros Bruguera, baratinhos, impressos em papel ligeiramente melhor do que aquele em que os jornais se materializavam. A minha estrela dos livros de bolso era o escritor mexicano Marcial Lafuente Estefania, uma verdadeira máquina de escrever aventuras de faroeste; tinha dezenas de seus livrinhos além, é claro, de praticamente toda a coleção de aventuras dedicada aos adolescentes da Editora Melhoramentos – os que eu mais apreciava era os de Alexandre Dumas e Jules Verne, mas eu lia tudo o que apreciava. Adorava José Mauro de Vasconcelos (conheci todos os seus livros até 1969) e lia, meio que obrigado, pois não gostava, montanhas de Monteiro Lobato.

Mas o que mudou a minha vida literária, e também pessoal, foi a leitura, praticamente ininteligível, de *Brasil em tempo de cinema*, de Jean-Claude Bernardet (1967), adquirido casualmente numa agência de jornais e revistas junto a um velho livro de crônicas de Nelson Rodrigues, ambos encalhados e comprados bem baratinhos. Logo mais adiante volto a falar de Jean-Claude. Assistia a tudo o que era exibido nos 7 cinemas da cidade (Plaza, Palácios, Politeama, Broadway, Colonial, São José, Paulistinha) e, também, no Clube Coronel Barbosa. Meu pai ia ao cinema, em média, ao menos três vezes por semana, e me levava para ver faroestes, comédias estrangeiras e nacionais (vi todas as chanchadas), aventuras, policiais, dramas... Ele me ensinou a ver as datas das produções, a conhecer as atrizes, os atores e os diretores. O cinema era, em grande maioria, cinema hollywoodiano, embora se pudesse assistir, igualmente, muito do que se fazia na França, na Itália, na In-

glaterra e no Japão, além de em alguns outros países europeus.

Falei das chanchadas. Isso foi um acontecimento marcante, pois através delas muita gente, eu inclusive, começou a conhecer um pouco mais acerca do Brasil. Chanchadas, para mim, eram principalmente as produções feitas em série pela Atlântida e outras congêneres sediadas no Rio de Janeiro entre o final da década de 1940 e o início dos anos 1960. Víamos desfilar, entre outros, Oscarito, Grande Otelo, Zezé Macedo, Eliane, Anselmo Duarte, Cyll Farney, Zé Trindade, Violeta Ferraz, Mesquitinha, Ankito, Costinha, Dercy Gonçalves, Jayme Costa, Colé Santana, Ronald Golias, Chocolate, Wilson Grey, José Lewgoy, Renato Restier, Jece Valadão, Renata Fronzi, Sonia Mamede, Anilza Leoni, Cuquita Carballo, Odete Lara, Marlene, Emilinha Borba, Jorge Goulart, Nora Ney, Ivon Cury, Trio Irakitan, Cauby Peixoto, Dircinha e Linda Batista, Nelson Gonçalves, Elisete Cardoso, Orlando Silva, Benê Nunes, Doris Monteiro... Histórias simples de mocinhas, mocinhos, vilões, escolas de samba, carnaval, paródias etc. Diretores fantásticos, como Watson Macedo, José Carlos Burle, Victor Lima, Lulu de Barros, Eurides Ramos, Carlos Manga, dirigiram filmes sensacionais. Gosto, em especial, de *Este Mundo é um Pandeiro* (1947), *Carnaval no Fogo* (1949), *Aviso aos Navegantes* (1950), *Nem Sanção Nem Dalila* (1954), *Matar ou Correr* (1954), *Colégio de Brotos* (1956), *O Batedor de Carteiros* (1958), *O Camelô da Rua Larga* (1958), *Mas-sagista de Madame* (1959).

Acrescente-se às chanchadas o conjunto da robusta filmografia de Amácio Mazzaropi, um dos comediantes mais populares do país, com mais de três dezenas de títulos, alcançando o seu auge na década de 1960. No interior não se perdia um Mazzaropi: *Chofer de Praça* (1958), *Jeca Tatu* (1960), *As Aventuras de Pedro Malasartes* (1960), *Tristeza do Jeca* (1961), *Casinha Pequeninha* (1963), *O Lamparina* (1964),

O Corintiano (1967), *Betão Ronca Ferro* (1971), dentre outros, tinha lotação completa e várias sessões extras.

No início dos anos 80, José Inácio de Melo Sousa e eu não tivemos muitas dificuldades, uma vez que havíamos assistido a praticamente todas as chanchadas, para escrever um pequeno livro sobre o tema (CATANI; SOUZA, 1983). Fizemos uma dedicatória bem singela às então nossas pequenas filhas: “Para Bárbara e Veridiana, que ainda não viram chanchadas”.

Mas voltemos a Bernardet e a seu livro: magia bruta! Tive enormes dificuldades para entender o que li, pois a novidade era total para mim. Eu ainda engatinhava no universo do Cinema Novo, embora tivesse assistido a vários filmes e apreciara. O fascínio por *Arraial do Cabo* (1960), *Porto das Caixas* (1962), *Barra-vento* (1962), *Cinco Vezes Favela* (1962), *Vidas Secas* (1963), *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), *Os Fuzis* (1964), depois *O Desafio* (1966), *Terra em Transe* (1967), *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* (1968), *Macunaíma* (1969), a familiaridade com os nomes de Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, Cacá Diegues, Paulo César Saraceni, Leon Hirshman, acabaram por me levar à compreensão da existência de uma nova maneira de se fazer cinema, embora me sentisse ainda meio confuso e um pouco desorientado.

Acrescento, ainda, outro livro e um LP que me ajudaram a ser um pouco menos “caipira”. O livro foi *Por que literatura?* de Luiz Costa Lima (1966). Mais de trinta e cinco anos depois coordenei um ciclo de conferências e aproveitei para conseguir a dedicatória do autor no livrinho todo amarranhado, com a capa descolada pela metade e inteirinho grifado e anotado, em razão das leituras realizadas ao longo do tempo. Se a memória cruel não me leva a equívocos, o que mais me fascinou no pequeno volume foi o brilhante ensaio sobre São

Bernardo (1934), o clássico romance de Graciliano Ramos, em que Lima fala da reificação de Paulo Honório, personagem central e narrador do romance; fiquei fascinado. Havia mais três ou quatro ensaios ainda, mas esse foi o que mais me marcou. Ambos os livros, *Brasil em tempo de cinema* e *Por que Literatura?*, “mudaram a minha vida”: percebi que era possível me dedicar, no futuro, a algo que não fosse engenharia, direito ou medicina.

Mas antes, uma última influência: o LP *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* (1967), que comprei no segundo semestre do ano de lançamento, quando estava terminando o antigo ginásio e iniciando o processo de transferência para outra escola. Tudo se encontrava em mutação e as canções dos Beatles contribuíam para que, naquele momento, eu pensasse em caminhos totalmente distintos aos que trilharia até então. A canção de abertura, com título homônimo ao disco, é espetacular, bem como a que se emenda, sem interrupção, “*With a Little Help from My Friends*”, e algumas outras também, casos de “*Lucy in The Sky With Diamonds*”, “*She’s Leaving Home*”, “*Within You Without You*”, “*When I’m Sixty-Four*”, “*A Day in The Life*”. Eu ouvia o conjunto de canções sem parar, várias vezes ao dia, perturbando a tudo e a todos.

No Natal de 1965 a CBS brasileira lançou aquele que foi o primeiro LP que adquiri, aos 12 anos, *Isto É Renato e Seus Blue Caps*, conjunto comandado por Renato Barros, talvez o mais longo atuando no Brasil (Renato faleceu no final de julho de 2020, fazendo shows até o início da pandemia de coronavírus interromper a quase totalidade das atividades artísticas). Os LPs tinham, geralmente, 12 músicas. Esse, não era diferente; entretanto, 8 delas eram versões de canções norte-americanas que foram sucesso recentemente ou estavam nas paradas no momento – casos de “*I Need Your Love*”, “*Love Me Do*”, “*Keep Searchin*”, “*You’re*

Going To Lose That Girl”, “*I’ll Be Back*”, “*Shame And Scandall in The Family*”, “*All My Loving*”, “*It’s Gonna Be All Right*”. As versões, todavia, pouco tinham a ver com o original, respeitando-se apenas o ritmo – o significado das letras em português era alterado por completo. Mas eu, meus amigos e colegas, sabíamos de cor o repertório completo, desse e de outros astros da Jovem Guarda – casos de Roberto e Erasmo Carlos, Demétrius, Os Vips, Golden Boys, Trio Esperança, Prini Lorez, Wanderléa, Jet Blacks, The Fevers, Ronnie Cord, Ronnie Von, Martinha, Ed Wilson, Eduardo Araújo.

Bernardet, Costa Lima, Beatles: esse trio foi o responsável por eu procurar algo distinto de medicina, direito ou engenharia. Embora isso fosse bastante positivo, pois me permitiria sair do interior, não ajudava muito, uma vez que percebia não possuir capital cultural suficiente para ingressar em um curso superior que não tivesse caráter “técnico”, na expressão de Renato Catani, que tinha o peso de um veredicto. Assim, fui eu fazer vestibular para a Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV), mais precisamente, administração pública, que era curso gratuito. Acabei sendo aprovado e ingressei na escola em agosto de 1975. A “GV”, segundo a feliz expressão de um amigo, “nos ensinou a falar” (CATANI, 2019, p. 996). Em quase todas as disciplinas havia o que se denominava participação em nossa avaliação, “fórmula que tentava aferir o grau de interesse e de aprendizagem do aluno através de seu desempenho oral em aulas e seminários” (LIMA, Roberto Kant de, 1997, p. 21). Adquiria-se a necessária *desenvoltura*, na forma como explicitaram Charles Wright Mills (1962) e Pierre Bourdieu (1972, 1979, 1984, 1989). Havia muitas disciplinas vinculadas às ciências sociais e, também, possibilidades culturais várias, bibliotecas excelentes, amigos de outras ins-

tituições, espetáculos de teatro e sessões de cinema a preços populares. Iniciava meu trabalho como monitor, auxiliar de pesquisa e, depois, revisor de textos e, até mesmo, “ghost writer”, conseguindo ter meu próprio dinheiro e, conseqüentemente, podendo comprar montanhas de livros e iniciar a constituição de minha modesta biblioteca, em que desde o início não faltaram, aos montes, peças de teatro, livros de cinema, de história, de sociologia, de política, além de clássicos de vários pensadores, em espanhol principalmente, que passei a ler, seguindo precioso conselho de Maurício Tragtenberg, que dominava oito ou nove línguas: “espanhol é português mal escrito, compre um dicionário, um caderno e se vire”. O conselho servia igualmente para o inglês. Me disse também: “Francês e italiano... Ora, isso é português com uma ou outra palavra diferente”. Comprei vários dicionários, novos e usados, alguns à prestação e fui em frente, lendo, escrevendo, preenchendo cadernos. Em pouco mais de um ano, dos 17 e meio e antes de completar 19, abandonei quase por completo minha biblioteca interiorana. Aos poucos, quando visitava meus pais nos feriados ou em festas familiares, ia me desfazendo da mesma, não sem certa agonia. Aproveitei algumas poucas dezenas de livros e os demais foram doados para instituições piracicabanas e para parentes e conhecidos de minha mãe.

Em meados dos anos 1970 conheci pessoalmente Jean-Claude Bernardet e, no início de 2002, não pude conter o riso quando, em companhia de outros colegas, ao entrevistá-lo para uma revista acadêmica de esquerda, ouvi sua resposta acerca das leituras que realizou para a sua formação enquanto crítico, ensaísta, professor, historiador, ator e realizador cinematográfico: “minhas leituras sempre foram muito selvagens!”. Quase emendei: “as minhas também!”.

A biblioteca selvagem

Não há flecha que não tenha o arco da infância
Manuel Alegre, Alma (1995)

Não sou, não fui e nunca serei um bibliófilo. Formei uma “biblioteca selvagem” que foi se constituindo ao sabor de meus interesses intelectuais. Não me dediquei a colecionar raridades, pois nunca tive tempo, dinheiro nem espaço para uma prática como essa. Ao longo de uns cinquenta anos fui amalhando de tudo um pouco. Com o fim de dois casamentos, aposentadoria, várias doações – inclusive uma bastante significativa para o sistema prisional do Estado de São Paulo –, vendas para um sebo virtual de duplicatas e moradias provisórias, meu acesso aos livros encontra-se precário e a biblioteca acaba por ter o seu futuro incerto, dispersa que está entre meu ex-escritório, a casa de minha mãe, o escritório de minha ex-mulher e minha sala, compartilhada, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

O escritor Jorge Luis Borges (1998a, p. 101) escreveu em *Junio 1968* que “ordenar bibliotecas é exercer, de uma forma silenciosa e modesta, a arte da crítica”. Foi assim que fui amalhando meus livros. Isso em termos da posse material dos impressos. Mas em *Biblioteca personal* (BORGES, 1988b, p. 7-8), menciona:

[...] ao longo do tempo, nossa memória vai formando uma biblioteca díspar, feita de livros, ou de páginas, cuja leitura foi uma grande oportunidade para nós e que gostaríamos de compartilhar [...] Esta série de livros heterogêneos é [...] uma biblioteca de preferências [...] um livro é uma coisa entre as coisas, um volume perdido entre os volumes que povoam o universo indiferente, até que encontre com um leitor, com o homem destinado a seus símbolos, Ocorre então a emoção singular chamada beleza, esse mistério formoso que não decifram nem a psicologia nem a retórica.

Esse mistério formoso nos leva a buscar livros, a desejá-los. Umberto Eco, em entrevista a Juan Cruz, responde que, embora não acredite muito na felicidade, declara:

[...] Fico muito feliz quando encontro um livro que estava procurando havia muito tempo. Quando o compro e o tenho, olho para ele e me sinto feliz. Mas a sensação acaba ali. Enquanto a infelicidade é o que me provoca e o fato de não ter este ou aquele livro. A verdadeira felicidade é a inquietude. É sair à caça, não matar o pássaro. (CRUZ, 2008, p. 6)

Quando faleceu em 2016, aos 84 anos, Umberto Eco recebeu muitas homenagens na mídia. Assisti a um pequeno documentário inglês em que ele desfilava por vários cômodos de uma de suas casas, abarrotados de prateleiras atulhadas de livros. Nas conversações que manteve com o roteirista Jean-Claude Carrière, em *Não contem com o fim do livro* (2010), série de entrevistas conduzidas por Jean-Philippe de Tonnac, Eco declarou que entre sua casa principal e casas secundárias, possuía 50 mil livros, quase todos modernos, sendo apenas uns 1.200 os raros: “Os livros antigos são os que escolhi (e paguei), os livros modernos são os que comprei ao longo dos anos, mas, também, e cada vez mais, livros que recebo de brinde” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 262). Carrière, por sua vez, tinha umas 2.000 obras antigas e entre 30 e 40 mil modernas, entre as adquiridas e recebidas em doação (ECO, CARRIÈRE, 2010, p. 262). Mas foi Eco quem elaborou, há quinze ou vinte anos, o custo para manter sua biblioteca privada. Embora haja grande dose de arbitrariedade em seu raciocínio, vale a pena acompanhá-lo, ainda que de forma breve. Começa por considerar o preço do metro quadrado em Milão para um apartamento que não se situa nem no centro histórico nem na periferia proletária. Afirma que custaria 6 mil euros o metro quadrado e, portanto, 300 mil euros pelo imóvel de 50 metros quadrados. Mas haveria que

se reduzir dessa área as portas e as janelas, contando-se apenas com 25 metros quadrados de área útil para acolher prateleiras de livros. “Logo, um metro quadrado vertical me custava 12 mil euros [...] calculando o preço mais baixo para uma biblioteca de seis estantes, a mais econômica, eu chegava a 500 euros por metro quadrado” (ECO, CARRIÈRE, 2010, p. 263). Conseguiria guardar uns 300 livros. Logo, o lugar de cada livro alcançaria 40 euros, mais caro portanto que seu preço. “Para um livro de arte, de formato maior, era preciso calcular um pouco mais” (ECO, CARRIÈRE, 2010, p. 263). Sendo assim, para cada livro que lhe fosse enviado, brinca, “o remetente deveria enfiar um cheque de um montante equivalente” (ECO, CARRIÈRE, 2010, p. 263).

Entendo que possuir uma grande biblioteca – falo do formato em papel –, em especial nos dias atuais, significa curiosidade, inquietação epistemológica. Em tom provocativo, Eco escreveu que, há várias décadas, “aos 18 ou 20 anos as pessoas aposentavam-se epistemologicamente” (ECO, CARRIÈRE, 2010, p. 58). Hoje, tal postura seria impossível para a sobrevivência na maioria dos domínios do conhecimento, requerendo constantes leituras e atualizações práticas. Para aqueles que, além da necessidade de se manterem atualizados possuem a leitura como lazer (e prazer), existe grande probabilidade de terem constituído bibliotecas nada desprezíveis em termos quantitativos.

Para quase todos os escritores, a biblioteca se converte em local sagrado, espaço a ser preservado. Antoine Compagnon, em *Uma temporada com Montaigne*, fala que o pensador queria construir um terraço na área de sua biblioteca: “se houvesse um terraço, ele poderia pensar andando; mas recuou diante da despesa” (COMPAGNON, 2014, p. 59). Ele queria muito ter mais espaço. Seu comentarista cita a seguinte passagem dos escritos do ensaísta francês: “Todo local isolado requer um espaço

onde perambulamos. Meus pensamentos dormem se os fizer sentar. Meu espírito não avança se as pernas não o agitarem” (COMPAGNON, 2014, p. 59-60).

Se formos a um bom dicionário e procurarmos o significado de misantropo, encontraremos o seguinte: “*Misanthropo* (grego). Adj. e s.m. 1. Que ou aquele que tem ódio ou aversão à sociedade. 2. P. ex. Que, ou aquele que evita a convivência, que prefere a solidão, que é solitário, insociável; antropófobo [Ant.: filantropo]. 3. Diz-se de, ou homem melancólico” (FERREIRA, 1975, p. 935). Em muitos casos, a biblioteca converte-se em espaço de refúgio, quase inatingível à maioria das outras pessoas, que faz com que alguém prefira lá permanecer em vez de interagir com a realidade concreta, lembrando o personagem Alceste, de *O Misanthropo*, caracterizado por sua postura dotada de pouca flexibilidade, não suportando a presença de outros: “Eu não aguento mais, desespero, e meu plano/ É cortar relações com o gênero humano” (MOLIÈRE, 2014, p. 18); “Tenho o defeito/De ser muito sincero onde não é bem feito” (MOLIÈRE, 2014, p. 30); “Se os homens como lobos preferem viver,/A minha companhia não podem mais ter” (MOLIÈRE, 2014, p. 105); “Vítima da injustiça, e por todos traído,/Eu vou sair de um poço onde o vício é querido,/E buscar pela terra um cantinho isolado,/Onde há liberdade pr’um homem honrado” (MOLIÈRE, 2014, p. 122). Na apresentação, a crítica Bárbara Heliodora observa que *O Misanthropo*, quando critica seu protagonista, está, ao mesmo tempo, “denunciando maus hábitos da corte e da alta burguesia do tempo de Luís XIV. Até a integridade, em excesso, pode merecer o riso crítico da comédia, mas os vícios continuam merecendo condenação” (HELIODORA, 2014, p. 10).

Senti-me próximo de Alceste. Há tempos, quando uma de minhas filhas tinha 6 ou 7 anos, a levei à festa de uma coleguinha em um terrível *buffet* infantil. Pessoal pesadão, enfa-

tuado, ninguém conhecido; fiquei num canto tomando *whisky*, comendo e lendo. Transcorrido alguns meses nos encontramos, minha ex-mulher e eu, com os pais da menina aniversariante. A mãe comentou, em tom quase de censura: “pensamos que o seu marido fosse estrangeiro, pois ele ficou lendo na festa o tempo todo”.

Já ouvi muitas observações acerca das restrições que membros das famílias vem a fazer com relação a quem montou sua biblioteca privada. Quem a monta é acusado de gastar fortunas com ela e de dedicar mais tempo aos livros do que aos entes queridos. Falam que a biblioteca “roubou” horas preciosas do convívio familiar e, não raro, quando a proprietária ou o proprietário desaparece, os herdeiros se apressam em livrar-se da *livraiada*, através da venda ou doação, no todo ou em partes, torna-se indiferente.

Eu, a exemplo de amigos e colegas, compro muito mais livros do que tenho capacidade de ler. É impossível dar conta da totalidade dos volumes que possuímos. Eco reconhece sua incapacidade e a impossibilidade de se ler tudo o que se tem. Pondera que um dia ou outro tomamos alguns desses livros nas mãos e percebemos que já os conhecemos:

[,,] Ao longo dos anos [...] você abriu esse livro, deslocou-o diversas vezes, talvez tenha até mesmo folheado, mas não se lembra [...] Durante esses anos você leu um monte de livros, o qual terminou por lhe ser familiar. Logo, há diversas maneiras de saber alguma coisa sobre livros que não lemos. Felizmente, senão, onde arranjar tempo para reler quatro vezes o mesmo livro?. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 2019)

Carrière comenta que o historiador Emmanuel Le Roy Ladurie, quando dirigiu a Biblioteca Nacional da França, descobriu que, desde a sua criação, “a partir da Revolução, digamos nos anos 1820, a nossos dias, mais de dois milhões de títulos nunca foram consultados.

Nem uma única vez” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 222-223). O roteirista francês entende que uma biblioteca “não é obrigatoriamente formada por livros que lemos ou livros que um dia leremos [...] São livros que podemos ler. Ou que poderíamos ler. Ainda que jamais venhamos a lê-los” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 229-230). Eco acrescenta que é a garantia de um saber e o jornalista Jean-Philippe de Tonnac arremata: “É uma espécie de adega. Não é recomendável beber tudo” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 230).

O jornalista e escritor João Pereira Coutinho expõe seu ponto de vista sobre a questão, comentando que várias pessoas que já estiveram em sua casa perguntaram se ele havia lido o conjunto de livros que se encontrava nas estantes. Respondeu dizendo que não, que “as nossas bibliotecas não são só o depósito do passado ou do presente. São também uma promessa de futuro: enquanto existirem livros para ler, talvez a eternidade seja possível”. E acrescenta: “A vida é mais fácil quando lemos. É o único conselho que dou a quem me pergunta por que motivo ler é importante” (COUTINHO, 2020).

Como classificar

Mas vem a pergunta fatal: como classificar os livros que integram uma biblioteca particular? Qual o princípio que rege a lógica da classificação? Posso começar declarando que a maneira como ordeno os livros que possuo é despida de qualquer complexidade: eu os classifico por assunto, pura e simplesmente, colocando-os um ao lado do outro. Por exemplo, sociologia, história, filosofia, política, economia, psicanálise, literatura, cinema, teatro, artes plásticas, televisão, música, arquitetura, biografias. No interior de cada categoria tento estabelecer agrupamentos distintos entre autores e abordagens nacionais e estrangeiros. Essa é a base que rege meu processo classificatório.

Mas essa forma de ordenar os impressos, relativamente simples, acaba apresentando problemas terríveis quando estou trabalhando, valendo-me de vários volumes, ao escrever textos, preparar aulas ou outras modalidades de intervenções orais: muita coisa é retirada de ordem e colocada próximo ao lugar da escrita; mistura-se tudo e, quando se encerra tal utilização, nem sempre a totalidade dos volumes retorna ao local de origem. Esse processo, repetido várias vezes ao longo do ano, é responsável por instaurar o caos em minha biblioteca. Nunca se arruma tempo para reclassificar os livros e, então, a desordem vai dando o tom. Carrière (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 248) é mais trágico, ponderando que:

[...] nada é mais difícil do que arrumar uma biblioteca. É como começar a colocar um pouco de ordem no mundo. Quem se atreveria a isso? Como arrumar? Tematicamente? Ora, mas você tem livros de formatos diferentes e precisa refazer suas estantes. Então, por formato? Por época? Por autor? Você tem autores que escreveram sobre tudo.

Jacques Bonnet, na versão inglesa (*Phantoms on the Bookshelves*, 2010) de seu livro, conta com introdução de James Salter, que destaca que a biblioteca do autor é recheada com mais de 40 mil volumes. E cita passagem conhecida de Borges: “*Paradise is a library*” (BONNET, 2010, p. 6). Em um dos capítulos, detalha seu método classificatório: “*My library is arranged by genre and sub-genre, with books being placed alphabetically within sections. There are three main categories: literature; non-fiction (a terrible Anglicism, with unfortunately does not have a French equivalent); and the arts*” (BONNET, 2010, p. 43). Sua seção de não ficção “*has two main divisions, which are*

1 “A minha biblioteca está organizada por gênero e subgênero, sendo os livros colocados por ordem alfabética dentro das seções. Há três categorias principais: literatura; não-ficção (um terrível anglicismo, para o qual infelizmente não há equivalente em francês); e artes”.

far from rigours: abstract (consisting of philosophy, theology, history of religions, science, psychoanalysis, psychology, literacy criticism, linguistics, anthropology, autobiography, biography, and documents)” (BONNET, 2010, p. 44-45). Prosegue:

The arts section is perforce much subdivided: music, cinema, photography, painting and drawing, architecture, exhibition catalogues and - for reasons of size - art history, criticism and aesthetics... [...] Finally, there is a large wall behind my worktable where I have shelved all my reference works - dictionaries of all kinds, lexicons (philosophical, psychoanalytic, gastronomy, etc). (BONNET, 2010, p. 45)².

João Pereira Coutinho (2020) transcreve alguns trechos do livro do escritor espanhol Jorge Carrión, *Contra Amazon e outros ensaios sobre a humanidade dos livros* (2020) comentando uma das idiosincrasias do autor, qual seja, o método que ele usa para organizar a sua biblioteca. Coutinho, mais convencional, divide os livros em três categorias: ideias, histórias e ficções, e depois, no interior de cada uma delas, limita-se à cronologia (nas ideias e nas histórias) ou às pátrias (nas ficções) (COUTINHO, 2020).

Carrión, totalmente distante das classificações vigentes, elege três categorias, “amigos, conhecidos e futuros. Os amigos ficam no escritório porque são íntimos. Os conhecidos ficam na sala de jantar porque se recebem com simpatia. Os futuros vão para o corredor e –

quem sabe? - talvez um dia possam ser íntimos ou estimáveis visitas”.

Posso afirmar que montei uma biblioteca díspar, contendo o que pude juntar e me interessar ao longo do tempo. Sempre, desde o início dos anos 1970, li e escrevi sobre vários assuntos ao mesmo tempo, muitas vezes até contraditórios, compatível, talvez, com meu humor borboleta, pulando de um livro ou de um tema a outro, como falam Montaigne, Fourier e Bourdieu. Compagnon (2014, p. 59) escreve sobre Montaigne, que defendia:

[...] uma leitura de capricho e de caça furtiva, pulando sem método de um livro para outro, pegando aqui e ali aquilo que queria, sem se preocupar demais com as obras das quais tomava emprestado para guarnecer seus próprios livros. Este, Montaigne insiste, é produto do devaneio, não de um cálculo.

Pierre Bourdieu, por seu turno, em *Esboço de auto-análise* (2005), comenta o encanto de viver em Paris nos primeiros tempos, enquanto estudante, e depois, quando iniciou sua vida profissional, descobrindo novos ambientes, o que o levou a interessar-se “pelos mais variados mundos sociais” (BOURDIEU, 2005, p. 33). Acrescenta que foram poucos os momentos em que não esteve tocando diversas pesquisas pessoais, sendo “às vezes bem diferentes por seu objeto, sem falar daquelas que dirigia por procuração, por meio dos trabalhos que orientava, sempre bem de perto, ou que inspirava e coordenava no âmbito do Centro de Sociologia Europeia” (BOURDIEU, 2005, p. 94). Assim:

[...] por conta do humor “borboleta” (para falar como Fourier), que me instigava sem parar a novas pesquisas, novos objetos – ou melhor, que me levava a reter quaisquer ocasiões de me apossar de novos campos de investigação –, é que talvez eu tenha me feito presente na totalidade do campo das ciências sociais, sem jamais ter desejado isso explicitamente e, sobretudo, sem a menor visada “imperialista”. (BOURDIEU, 2005, p. 95)

2 “tem duas divisões principais, que estão longe do rigor: abstrato (que consiste em filosofia, teologia, história das religiões, ciência, psicanálise, psicologia, crítica literária, linguística, antropologia, autobiografia, biografia e documentos)”.

3 “A secção de artes é forçosamente muito subdividida: música, cinema, fotografia, pintura e desenho, arquitetura, catálogos de exposições e - por razões de tamanho – história da arte, crítica e estética... [...] finalmente, há uma grande parede por detrás da minha mesa de trabalho onde guardei todas as minhas obras de referência – dicionários de todos os tipos, lexicais (filosóficos, psicanalíticos, gastronômicos, etc.)”.

Concluindo

O presente artigo foi escrito à mão, depois digitado e, posteriormente, reescrito algumas vezes. Pude sentir, sempre, “o roçar da pena no papel” (ALEGRE, 2005, p. 19). Isso causa uma boa sensação, executado com certo vagar, permitindo a reflexão, recuperando os fios soltos da memória, numa tentativa de dar ao menos alguns nós, Borges (1998a, p. 94) conclui “Mílonga de Albornoz” com os seguintes versos: “El tiempo es olvido y es memoria”. Associo amigos e livros. Recorro a Lobo Antunes, pois entendo que ambos são parceiros de caminhada – os predicados que o escritor português atribui aos amigos talvez possamos estabelecer para os livros: “Os amigos não morrem: andam por aí, entram por nós dentro quando menos se espera e então tudo muda: desarrumam o passado, desarrumam o presente, instalam-se com um sorriso num canto nosso e é como se nunca tivessem partido. É como não: nunca partiram” (ANTUNES, 2012). Penso que a situação ideal seria mantê-los pertinho de nós, como os livros que amamos de nossa biblioteca. Deixe-me avançar um pouco mais com Borges. Valendo-se de uma *boutade*, o velho bruxo questiona-se: “Não sei se sou um bom escritor, creio ser um excelente leitor ou, em todo caso, um sensível e agradecido leitor” (BORGES, 1988b, p. 8). E mais: ao referir-se a Plínio, o jovem, escreveu que “no hay libro tan malo que no tenga algo bueno [...] Sería muy raro que esta antología, que abarca más de medio siglo, no incluyera una página o una línea digna de la atención y de la memoria⁴” (BORGES, 1998a, p. 8). Assim, tal raciocínio justifica a posse de qualquer biblioteca, com os altos e baixos de cada um dos livros que nela se encontra. É bastante conhecida sua frase: “O paraíso é uma biblioteca”.

4 “não há livro tão ruim que não tenha algo de bom [...] Seria muito estranho se esta antologia, que se estende por mais de meio século, não incluísse uma página ou linha digna de atenção e memória”.

Gostaria de concluir citando trecho do artigo que publiquei no site “A Terra É Redonda” (CATANI, 2020), em que falo, dentre outros, de meu amigo baiano Edivaldo Machado Boaventura (1933-2018), professor, pesquisador, gestor, jornalista, secretário de Estado e possuidor de maravilhosa biblioteca. Amante incondicional de tudo que se imprimia,

Edivaldo me ligou de Salvador, Bahia, em fins de 2017, dizendo que estavam separadinhos para mim os três volumes de críticas de cinema de Walter da Silveira (1915-1970), grande baiano, que influenciou inclusive a Caetano Veloso. Ele havia conseguido os livros e escrito amável dedicatória, tendo-a lido para mim. Quando viesse a São Paulo me traria e sairíamos para jantar. Infelizmente não foi possível, pois ele partiu antes. Lembrei-me mais uma vez de Borges (“*The Unending Gift*”):

Um pintor nos prometeu um quadro
Agora, em New England, sei que morreu. Senti,
como outras vezes, a tristeza de compreender
que somos como um sonho. Pensei no homem
e no quadro perdidos.

(Só os deuses podem prometer, porque são imortais.)

Pensei num lugar prefixado que a tela não ocupará
Pensei depois: se estivesse aí, seria com o tempo
uma coisa mais, uma coisa, uma das vaidades
ou hábitos da casa; agora é ilimitada, incessante,
capaz de qualquer forma e qualquer cor
e a ninguém vinculada.

Existe de algum modo. Viverá e crescerá como
uma música e estará comigo até o fim.

Obrigado Jorge Larco.

(Também os homens podem prometer, porque
na promessa há algo imortal.)

Que fazer? Decidi abrir um espaço imaginário na estante de meu antigo escritório, talvez um pouco mais de meio palmo e pensar que Walter, professor de Glauber Rocha, deve es-

tar ali pelas mãos generosas de Edivaldo. Sim, porque como se escreveu em linhas anteriores, os amigos não morrem, nunca partiram, não permitem que o lamento tome conta de nós de forma paralisante. Mais uma vez Mafalda – Quino estão cobertos de razão, quando a garotinha intrépida sentencia: “Yo no lloro! Simplemente estoy lavando recuerdos...⁵”.

Referências

ALEGRE, Manuel. A carta. In: ALEGRE, Manuel. **O quadrado (e outros contos)**. Lisboa: Dom Quixote, 2005. p. 17-20.

ALEGRE, Manuel. **Alma**: romance. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

ANTUNES, Antônio Lobo. Ernesto Melo Antunes - Opinião. **Revista Visão**, Portugal, 23.11.2012. Disponível em: visao.sapo.pt/opiniao/a/antonio-lobo-antunes/2012-11-23-ernesto-melo-antunes-f698095 Acesso em: 15 jun 2020.

BEATLES, The. **Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band**. London: Parlophone/E.M.I. Records, 1967.

BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BONNET, Jacques. **Phantoms on the Bookshelves**. London: Maclehose Press, 2010.

BORGES, Jorge Luis. **Antología poética: 1928 - 1977**. Madrid: Alianza Editorial, 1998a.

BORGES, Jorge Luis. **Biblioteca personal**. Madrid: Alianza Editorial, 1988b.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'État**: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Genève: Droz, 1972.

CATANI, Afrânio. Amigos baianos, Glauber Rocha e o roteiro não filmado. In: **A terra é redonda**, publicado em 13. 04. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/amigos-baianos-glauber-rocha-e-o-roteiro-nao-filmado> Acesso em: 04 out. 2020.

CATANI, Afrânio Mendes. Novos modos de regulação e batalhas na produção do conhecimento - um estudo de caso. **Revista Eletrônica de Educação**, UFS-Car, São Carlos, v. 13, n. 3, p. 996-1012, set./dez. 2019. Disponível em: Acesso em: reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3458 Acesso em: 13 mar. 2020.

CATANI, Afrânio Mendes; SOUZA, José Inácio de Melo. **A chanchada no cinema brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COMPAGNON, Antoine. **Uma temporada com Montaigne**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

COUTINHO, João Pereira. Amazon representa bem o ar pútrido do tempo. **Folha de S. Paulo**, “Ilustrada”, 01. 09. 2020, p. B 12. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/09/amazon-representa-bem-o-ar-putrido-do-tempo.shtm/#:~:text=É%20e3seob Acesso em: 03 set. 2020.

CRUZ, Juan. O Professor Alopado - Umberto Eco. **Folha de S. Paulo**, “Mais!”, 11. 05. 2008, p. 4-6. Disponível em: Acesso em: Disponível em: sites.google.com/a/desculpeapoeira/www/umbertoeco Acesso em: 22 set 2020.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1a.ed., 4a. reimpr., 1975.

HELIODORA, Barbara. Molière e a comédia de caráter. In: MOLIÈRE: **O Misanthropo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 7-10.

LIMA, Luiz Costa. **Por que literatura?** Petrópolis: Vozes, 1966.

5 “Eu não choro! Estou apenas lavando memórias...”

LIMA, Roberto Kant de. **A antropologia da academia:** Quando os índios somos nós. Niterói: EDUFF, 2a.ed., 1997.

MILLS, Charles Wright. **A elite do poder.** Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MOLIÈRE. **O Misanthropo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

QUINO. **Toda Mafalda.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RENATO e Seus Blue Caps. **Isto É Renato e Seus Blue Caps.** São Paulo: CBS, 1965.

SARTRE, Jean-Paul. **Les mots.** Barcelone: Gallimard, 2011.

Recebido em: 05/11/2020

Aprovado em: 22/04/2021

Afrânio Mendes Catani é Professor Titular aposentado na Faculdade de Educação da USP e Professor Titular visitante na Faculdade de Educação da UFF (2019-2021), Mestre e Doutor em Sociologia (FFLCH/USP) e Livre Docente em Educação (FE/USP), escreve e pesquisa nos domínios das políticas de educação superior da América Latina, da sociologia da educação e da cultura e da história do cinema da América Latina e da Península Ibérica. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Autor de vários livros, capítulos de livros e artigos acadêmicos publicados no Brasil e no exterior, é colunista no site "A Terra É Redonda". Pesquisador do CNPq. E-mail: amcatani@usp.br